

# DAS DEGENERACÕES INDUSTRIAIS ÀS TERRAS DISTANTES DO NACIONALISMO GENÉTICO: O INTELECTUALISMO DE CHARLOTTE PERKINS GILMAN (1860-1935)

Luana de Almeida Santos<sup>1</sup>

## RESUMO

O artigo apresenta alguns resultados de uma pesquisa acerca da obra de Charlotte Perkins Gilman e sua atuação enquanto intelectual reformista da virada do século. Focando em dois romances, *The Crux* (1910) e *Herland* (1916), propusemos aproximações interpretativas entre os símbolos, personagens e paisagens contidos nessas obras e os contextos e disputas políticas da Era Progressista que eram indiciados e inventados nesses textos. Para tal, partimos das concepções propostas na abordagem dialógica de Dominick LaCapra (1983) e nos desafios que a escrita e a intelectualidade feminina impõem ao campo da História Intelectual. Salientamos alguns resultados iniciais como a dualidade intelectual de Gilman que articula eugenia e feminismo; a literatura como um laboratório para se reformar a sociedade e a construção de um corpo feminino como território de disputas políticas mais amplas a respeito da civilização, do nacionalismo e do reformismo.

**Palavra-chave:** Escrita feminina. História Intelectual. Nacionalismo. Reformismo Estadunidense.

# FROM INDUSTRIAL DEGENERATIONS TO THE DISTANT LANDS OF GENETIC NATIONALISM: THE INTELLECTUALISM OF CHARLOTTE PERKINS GILMAN (1860-1935)

## ABSTRACT

This article presents selected findings from an investigation into the work of Charlotte Perkins Gilman and her role as an intellectual reformer at the turn of the century. Focusing on two of her romances, *The Crux* (1910) and *Herland* (1916), we propose an interpretive approximation between the symbols, characters, and landscapes within these works and the contextual political debates from the Progressive Era that are both reflected and conceived in them. To do so, our methodology is grounded in the proposals and concepts of Dominick LaCapra's (1983) dialogical approach, as well as the challenges that women's writing and intellectualism pose to the field of Intellectual History. We highlight some initial results, such as Gilman's intellectual duality that articulates eugenics and feminism; literature as a laboratory for reforming society; and the construction of the female body as a territory for broader political disputes concerning civilization, nationalism, and reformism.

**Key Words:** Women's Writing. Intelectual History. Nationalism. American Reformism.

<sup>1</sup> Graduada (2023) em Licenciatura em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, pesquisas de iniciação científica na área de História Intelectual e Epistemologia Crítica Feminista; e Mestranda desde 2025 em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Contato: [19003589@uepg.br](mailto:19003589@uepg.br). Orcid Id: <https://orcid.org/0000-0002-1644-1578>

## Do obscurantismo à canonização: as muitas construções de Charlotte Perkins Gilman

Charlotte Anna Perkins nasceu em julho de 1860, na cidade de Pasadena, Califórnia. Após uma educação irregular<sup>2</sup>, interrompida aos quinze anos, Charlotte frequentou a Rhode Island School of Design. Sustentando-se com trabalhos artesanais<sup>3</sup> e como educadora até seu primeiro casamento. Em 1884, aos vinte e quatro anos de idade, Charlotte se casou com Charles Walter Stetson (1858-1911), um pintor pouco conhecido e, no ano seguinte, teve sua única filha, Katherine Beecher Stetson (1885-1979) (DAVIS, 2010).

Entre o nascimento de Katherine e o divórcio com Charles, Charlotte foi diagnosticada com inúmeros distúrbios psicológicos popularizados no período e relacionados aos "nervos femininos" (Horowitz, 2010). Nesse período Charlotte escrevia quase que exclusivamente poesias<sup>4</sup> até que os anos traumáticos renderam a publicação de seu primeiro sucesso editorial, com um conto de terror, que se seguiu de muitos outros. Em 1894 a autora se divorciou de Stetson e, eventualmente, enviou sua filha para morar com o pai - que tinha condições financeiras bem melhores que as suas. Todo o processo foi comentado publicamente. Com manchetes como: "Prefers Literature to Her Husband" (Eagle, 1892) e "She Didn't Wear Corsets - Artist G.W. Stetson Seeks a Divorce from His Handsome Wife" (THE WORLD, 1892)<sup>5</sup>.

Assim que se mudou para Califórnia, em 1888, Perkins<sup>6</sup> começou a publicar contos e poemas em jornais femininos. A partir dos anos de 1890 se aproximou cada vez mais de

---

<sup>2</sup> Criada sozinha pela mãe, cresceu em contato constante com tias, como Isabella Beecher Hooker (1822-1907), sufragista, Harriet Beecher Stowe (1811-1896), abolicionista e escritora, e Catherine Beecher (1800-1878), educadora. (DAVIS, 2010).

<sup>3</sup> Vendendo sabão nas ruas e Trade Cards que eram distribuídos por negócios ou como pequenos artefatos artísticos, já que muitos continham desenhos/pinturas elaboradas e minúsculas.

<sup>4</sup> "In This Our World" (Nesse nosso mundo), publicado em 1893, foi a primeira coletânea de poesias publicada por Gilman, com poemas satíricos sobre as questões e experiências femininas (DAVIS, 2010).

<sup>5</sup> "Prefere literatura ao marido" (EAGLE, 1892, tradução nossa); "Ela não usava corpetes – O artista G.W. Stetson busca o divórcio de sua 'jeitoso' esposa" (THE WORLD, 1892, tradução nossa, "Handsome" é um adjetivo masculino). No acervo de Gilman, em uma pasta com 33 recortes de jornal, com manchetes semelhantes, mostrasse a forma como o divórcio foi tratado sob os olhares públicos. Em alguns jornais eles se referem a Gilman como a pessoa conhecida, mas a maioria parte da lógica de que Stetson estaria entrando com o pedido de divórcio. Nas bibliografias consultadas, a análise das cartas entre Gilman e Stetson indicam o contrário. Todos esses jornais se encontram na pasta "Divorce" de seu acervo.

<sup>6</sup> Como apontado por Wienen (2003), a questão dos sobrenomes de Charlotte pode se tornar confusas para o pesquisador. Até seu primeiro casamento, era tratada por Charlotte Anna Perkins, a partir do casamento com Houghton, em 1884 assume o nome do marido, e se torna Charlotte Perkins Stetson. Quando se casa novamente, em 1900, passa a publicar sob o nome de Charlotte Perkins Gilman. Como apontado por Wienen (2003), Gilman produziu e solidificou sua carreira após o fim de um casamento conturbado com Houghton e por isso é de praxe que os pesquisadores trabalhem com o seu último nome utilizado em publicações e aquele que Gilman, em sua biografia, dizia preferir - Charlotte Perkins Gilman. (WIENEN, 2003).

movimentos trabalhistas e femininos, após sua estadia na Jane Addam's Hull House<sup>7</sup>, em 1895 na cidade de Chicago. No fim dos anos de 1890, com a publicação de *Women and Economics* (1898), *Concerning Children* (1900), *The Home* (1903) e *Human Work* (1904)<sup>8</sup>, Charlotte teve uma rápida popularização de suas palestras e publicações. Passou a se envolver com os grupos fabianistas, nacionalistas e do movimento progressista em geral. Sua atuação pública se ampliou para multiplas frentes reformistas: foi editora do *The Impress*, co-fundadora do *Woman's Peace Party*, participou ativamente de congressos internacionais de mulheres socialistas e atuou como delegada em associações pelo sufrágio.

Escreveu, editou e publicou a revista *The Forerunner* entre 1909 e 1916. A autora se relacionou, aparentemente de maneira romântica, com duas mulheres ao longo de sua vida<sup>9</sup>, até se casar em 1900 com Houghton Gilman e viver com ele em Nova Iorque até 1922. Em 1934, logo após a morte de Houghton, Gilman se mudou novamente para Pasadena, onde em 1935, após ser diagnosticada com câncer, se suicidou com clorofórmio. Os anos finais de sua vida foram marcados por um declínio em suas vendas e por uma diminuição de sua relevância no âmbito social (WEINBAUM, 2001). Sua autobiografia *The Living of Charlotte Perkins Gilman*, escrita em 1925 e publicada após seu suicídio em 1935, acabou se tornando sua última publicação. Como aponta Weinbaum (2001), Gilman pediu para alguns biógrafos que escrevessem sua história mas foi obrigada a escrever suas memórias em um exercício último de retrospecção e de invenção. Invenção da imagem que pretendia criar para si mesma em anos desesperadores de obscuridade, como vemos nesses trechos de algumas cartas de Gilman:

Lectures have fallen off a lot. Guess I'm a has-been [...] One publisher said, apropos of my autobiography, 'Mrs. Gilman is not as well-known as she was ten years ago' !!!' [...] No one seems to want my lectures now... Gratifying, isn't it? [...] Will you write my life? My husband is dead... My last book, *A Study in Ethics*, is in process of

---

<sup>7</sup> Casa de abrigo aos imigrantes, fundado em 1889 pelas reformistas sociais Jane Addams e Ellen Gates Starr, como parte das muitas iniciativas da Era Progressista de assistencialismo. Essas instituições eram dirigidas por grupos da segunda geração de reformistas, muitos deles, filhos do movimento Social Gospel. Liberais e protestantes, defendiam o aprimoramento econômico e social da nação, através de métodos científicos, seguindo princípios morais religiosos. Buscavam uma redenção econômica e moral através da ciência, dos pecados criados pelas condições precárias da vida humana na modernidade (LEONARD, 2016).

<sup>8</sup> *Mulheres e a Economia* (1898), *A Respeito das Crianças* (1900), *A Casa* (1903) e *Trabalho Humano* (1904). (tradução nossa).

<sup>9</sup> A biógrafa Davis analisou extensivamente os jornais privados de Gilman; em suas interpretações e em cartas de cunho claro, é possível perceber relações românticas com Martha Luther (s/d), em sua adolescência (Davis, 2010, p.48); e com Adeline E. Knapp (1860-1901), uma jornalista, em meio ao processo de divórcio de Stetson. (DAVIS, 2010, p. 134).

declination by publisher after publisher... If you could do this, I feel that it would stir an interest in my other books, now all out of print. (KNIGHT, 2011, p. 1)<sup>10</sup>.

A biografia, entretanto, não teve o sucesso que se esperava. De acordo com Weinbaum (2001), vendeu cerca de 808 cópias. Escrita a contragosto pela autora, uma autobiografia, como indica Wienbaum (2001), não era o tipo de literatura à qual Gilman se sentia confortável em fazer. Com péssimas vendas logo estava fora de circulação. Anos após a publicação de sua autobiografia, nos anos de 1960, um resgate de suas obras literárias e teóricas começou a ser construído. A partir da nova edição de *Women and Economics*, em 1966, introduzida por Carl N. Degler, o interesse pela literatura e pelas teses de Gilman transformou sua obscuridade em renascimento (WEINBAUM, 2001). A partir daí, outras reedições foram publicadas, principalmente através do interesse editorial do movimento feminista.

O conto de terror *The Yellow Wallpaper*<sup>11</sup>, original de 1892, foi publicado em 1973 pela Feminist Press e, em poucos anos, se tornou um dos textos obrigatórios nos cursos literários dos Estados Unidos. Em 1979, com a introdução de Ann J. Lane<sup>12</sup>, a primeira edição em forma de livro de *Herland* foi publicada, ajudando a solidificar a imagem de Gilman como uma das fundadoras do pensamento e da literatura feminista de segunda onda<sup>13</sup>, pois os temas abordados pela autora dialogavam diretamente com as discussões do movimento feminista do período (Nadkarni, 2006). Discutia-se liberdade sexual, mas também liberdade de trabalho e independência financeira. As obras de Gilman, sejam ficcionais ou não, defendiam a liberdade e independência financeira feminina como centrais para a conquista da igualdade política e social. O ambiente privado, simbolizado no interior da casa, era tido como uma espécie de restrição a ser ultrapassada, assim como veríamos na obra de 1963, *The Feminine Mystique*, de Betty Friedman, um dos livros mais populares do feminismo editorial dos anos de 1960 e 1970.

<sup>10</sup> “As palestras caíram muito. Acho que já sou passado. [...] Um editor disse, a propósito da minha autobiografia, 'Sra. Gilman não é tão conhecida quanto era há dez anos!!! [...] Ninguém parece querer minhas palestras agora... Gratificante, não é? [...] Você pode escrever sobre minha vida? Meu marido está morto... Meu último livro, *A Study in Ethics*, está em processo de declinação, editora atrás de editora... Se você pudesse fazer isso, eu sinto que poderia reacender o interesse em meus outros livros, agora todos fora de circulação” (KNIGHT, 2011, p. 1, tradução nossa).

<sup>11</sup> O Papel de Parede Amarelo (tradução nossa).

<sup>12</sup> Ann J. Lane (1931-2013), historiadora estadunidense, especializada na área da história das mulheres. Lane escreveu *To 'Herland' and Beyond: The Life and Work of Charlotte Perkins Gilman*, biografia de 1991, em que consultamos algumas informações.

<sup>13</sup> A segunda onda do feminismo ocidental geralmente é situada ao longo dos anos de 1960 e 1970. Enquanto o movimento feminista de primeira onda focava no sufrágio e nas discussões de igualdade política, a segunda onda do movimento voltou seu olhar as construções culturais e sociais que viabilizavam a desigualdade material. Tratando então de temas sobre a sexualidade, a maternidade e a liberdade de costumes.

A popularidade e canonização de Gilman dentro da literatura feminina foi acompanhada, entretanto, de um movimento mais amplo de esquecimento de alguns temas pelo favorecimento de outros (WEINBAUM, 2001). A busca por um passado de escritoras que validassem o seu presente fez com que as introduções das obras de Gilman enaltecessem os aspectos libertadores e socialistas. A própria publicação de obras como *The Yellow Wallpaper* (1973) serem feitas antes de outras, como *The Crux* (1980), evidencia tais escolhas, já que *The Crux* reitera algumas de suas crenças em relação à eugenia e ao controle social. As publicações dialogavam com os desejos por temas que valorizassem o trabalho, a independência e a excelência feminina através da figura de Gilman que, nos anos de 1960 e 1970 era uma autora de fins do século XIX resgatada pela sua capacidade de se tornar contemporânea às suas leitoras. Era o exemplo de uma alegoria de escrita feminina supostamente suprimida pelo cenário cultural patriarcal e a qual o seu renascimento, estaria fazendo justiça. Na introdução da obra *Charlotte Perkins Gilman Reader* escrita por Ann J. Lane, encontramos:

Gilman voiced opinions that are racist, chauvinistic, and antisemitic. The decision to exclude selections [...] that would illustrate these ideas flowed not from a decision to hide that side of her thought but from the belief that her valuable ideas better deserve remembering and repeating (WEINBAUM, 2001, p. 282)<sup>14</sup>.

Em 1997, na publicação de *With Her in Ourland*, a sequência de *Herland*, pela editora Greenwood Press, em colaboração com a Women's Studies, revista feminista, os editores e escritores da introdução Mary Jo Deegan e Michael Hill, vão além:

Shall we vilify *With Her in Ourland* because it contains a few (and it really is only a few) ethnocentric lapses? I think not [...] Gilman's social critiques [...] are original and powerful. They remain cogent and surprisingly contemporary (WEINBAUM, 2001, p. 282)<sup>15</sup>.

Para seus defensores e estudiosos a obra ficcional de Gilman estaria repleta de simbolismos passíveis de torná-la contemporânea, enquanto que seus textos de comentário

---

<sup>14</sup> “Gilman expressou opiniões racistas, chauvinistas, e anti-semitas. A decisão para excluir seleções que ilustrariam essas ideias partiu não de uma escolha para esconder esse lado dela, mas parte da crença de que são suas ideias valorizáveis que merecem ser relembradas e repetidas” (WEINBAUM, 2001, p. 282, tradução nossa).

<sup>15</sup> “Devemos desprezar *With Her in Ourland* apenas por conter alguns (e são realmente apenas alguns) lapsos etnocêntricos? Eu acho que não [...] Suas críticas sociais [...] são originais e poderosas. Elas permanecem convincentes e surpreendentemente contemporâneas” (WEINBAUM, 2001, p. 282).

social, conteriam lapsos etnocêntricos, evidenciando que a autora teria sido meramente "sugada" por seu contexto.

A partir de fim dos anos de 1990 e início dos anos 2000, a crítica literária passou a ler as obras de Gilman, ficcionais ou não, a partir dos temas que até então eram ignorados. Esgotam-se as análises sobre reprodução sexual, distinção sexual e economia, e surgem críticas a respeito da eugenia, do nacionalismo e do imperialismo de seus temas. Os textos de pesquisadoras como Alys Eve Weinbaum (2001), Susan Rensing (2013), Dana Seitler (2003), Asha Nadkarni (2006) e Louise Newman (1999), abriram uma nova leva de crítica literária e de biografias mais comprometidas a analisar temas que não poderiam ser admitidos como lapsos etnocêntricos.

Nos últimos anos de sua vida, após o falecimento do companheiro Charles Houghton Gilman, Charlotte se mudou do estado, de Connecticut para Pasadena, na Califórnia, onde cometeria o suicídio em 1935. Durante a mudança, a autora destruiu e organizou caixas e caixas com todas as cartas, documentos e memórias de sua vida (KNIGHT, 2011). Depois da sua morte, a filha de Gilman, Katharine Beecher Chamberlin ofereceu em 1971 todo seu arquivo à Biblioteca de Schlesinger, da Universidade de Harvard. O material continuou a crescer a partir de adições feitas por outros familiares. Desde então, na sala de leitura da Biblioteca de Schlesinger, um busto de bronze com as feições de Gilman marca sua presença como uma das principais autoras canonizadas pela instituição (KNIGHT, 2011).

### **Em busca de universos textuais, para compreender personas contextuais**

Apesar dessa breve introdução feita, que contrapõe elementos biográficos a releituras contextuais, o trabalho historiográfico que aqui se expõe sobre a produção e a trajetória de Gilman não segue a linha biográfica. Como nos provoca Bourdieu (1998) à respeito da natureza do fazer biográfico, o conjunto de escritos, atuações e experiências de Charlotte dificilmente poderiam ser enquadrados em uma linha cumulativa, coesa e ordenada. Trabalhar as disparidades dentro da obra de tal autora buscando uma síntese seria repetir as mesmas aspirações editoriais dos anos de 1970 do feminismo estadunidense. Não buscamos uma autora como figura onisciente que paira entre seus escritos, que justifica, explica e articula seus significados literários. Buscar sua historicidade intelectual, pelo contrário, demanda compreender o mosaico de sua experiência e produção. O que seus escritos parecem suscitar é,

na realidade, uma contextualização de abordagem dialógica, como explora Dominick LaCapra (1983). Lemos então, o universo de Gilman e suas invenções enquanto textualidades próprias, contrapostas a contextos que se sobrepueram e nos indicam, a cada nova interpretação, novos sentidos históricos.

Conforme discutido na obra *Rethinking Intellectual History: texts, contexts, language* (LACAPRA, 1983), os textos podem ser definidos como utilizações de determinada linguagem em determinado período. Sua análise, entretanto, não poderia ser apenas interna, pois o mundo que produziu tal texto também é textualizado e infere nesse documento. Portanto, o caráter documental de todos os textos a serem analisados na concepção do contextualismo linguístico de LaCapra diz respeito à materialidade hipertextual que essa fonte histórica faz referência. O documento é referência a um mundo passado e uma realidade em si mesmo, que ultrapassa seu momento de criação e é imbuído de plurisentidos. Essa abordagem dialógica nos incita a ultrapassar apenas a análise de contextos de Gilman como se fossem realidades encerradas em si mesmas e, também, a considerar os aspectos ser-obra de sua produção como pontos de criação de sentidos no presente do historiador (LACAPRA, 1983). Portanto, a análise de documentos textuais em LaCapra parte de diálogos entre o historiador e as vozes textualizadas de um passado contextualizado.

A figura de Charlotte, enquanto sujeito que nos provê sentidos históricos, continua a pedir por leituras que abarquem sua complexidade literária e de personagem pública, principalmente, para se compreender as imagens elaboradas de si enquanto ainda publicava suas obras e dialogava com seus contextos. As camadas temporais que separam a Gilman do século XIX e a Gilman do século XXI, criaram uma vasta gama de personas, contraditórias entre si, e que respondem mais aos anseios de seus editores e leitores do que aos da própria autora. Tais personas podem, entretanto, nos ajudar a entender como foi possível Gilman criar sua trajetória intelectual e também como ser recriada por ela.

Nos reintroduziremos a Gilman a partir de sua ficção, buscando confluências entre os temas do movimento feminino e do nacionalismo reformista estadunidense. Apresentamos seus temas e também os indícios que tais trabalhos carregam da construção de uma figura intelectual de Gilman. Para isso, utilizaremos de duas obras de ficção que, com pouca distância temporal, se tornaram canônicas não apenas na literatura feminista, mas também se destacaram no conjunto da obra da autora como seus principais trabalhos.

Os romances *The Crux* (1911) e *Herland* (1916), escritos em concomitância a um período de enorme efervescência eugenista dos Estados Unidos (Leonard, 2016), iluminam os pontos em que Gilman dialoga com e cria seu contexto. Esses romances também mostram a literatura que se consolidaria em Gilman - narrativas de degeneração e regeneração, tom moralista e ao mesmo tempo satírico. Lemos tais obras em contraposição aos trabalhos de outros críticos literários do trabalho de Gilman, como Susan Rensing (2013); Asha Nadkarni (2006); Daniel Bender (2010) e Dana Seitler (2003)<sup>16</sup>. Os resultados apresentados são parciais, e servem como indícios de campos nacionalistas, reformistas, fabianistas e por fim, eugênicos e feministas que formaram partes do mosaico da escrita e experiência de Gilman enquanto intelectual feminina em fins do século XIX e início do XX.

### **Da degeneração às terras distantes do nacionalismo genético**

Originalmente publicada de maneira serial na revista *The Forerunner* ao longo do ano de 1910, *The Crux* (O Ponto Crucial) foi editado pela própria Gilman em forma de livro, através da Charlton Company em 1911. O romance, que foi até certo ponto ignorado pelo renascimento do corpo literário da autora nos anos de 1960 e 1970, recebeu uma reedição em 1980, com uma breve introdução de Ann Lane, pesquisadora literária e biógrafa de Charlotte.

O enredo acompanha um grupo de mulheres, de distintas gerações, que migram para o Oeste dos Estados Unidos em fins do século XIX. Os assentamentos no Oeste do país seguiam um movimento de expansão gradual demográfica que pretendia ocupar e explorar as terras ainda intocadas. Grupos masculinos de certa proporção passaram a se deslocar as "terras livres", numa espécie de fuga pela baixa de empregos de 1890. Trabalhavam nos setores de mineração, construção de ferrovias, plantações de tabaco, entre outros (LEONARD, 2016). Como veremos, as mulheres, por sua vez, eram parte do discurso de civilização dessas terras "selvagens" - ao civilizar, inicialmente, pelo seu contato e afeto, os próprios homens que iriam colonizar essas terras selvagens.

---

<sup>16</sup> O texto apresentado contém o segundo capítulo da monografia (2022-2023), deixando de lado a análise do conto *O Papel de Parede Amarelo* (1892). Nessa pesquisa também abordamos a produção não-ficcional de Gilman, buscando criar uma vocabulário e universo textual/teórico próprio da autora – foco no maternalismo político, eugenia, reprodução sexual/social, nacionalismo e imperialismo.

Nos anos de Reconstrução<sup>17</sup> boa parte das terras indígenas estavam no Oeste dos EUA. Durante os séculos de formação da economia nacional as principais cidades se assentaram pela costa do país - principalmente por conta da escravidão e da economia triangular mercantil. As terras ao Oeste foram aos poucos sendo fixadas no imaginário popular como um mundo inteiro à parte, selvagem, bárbaro, atrasado (ÁVILA, 2005). A intervenção feminina<sup>18</sup>, principalmente de uma nova leva de mulheres reformistas, de classes abastadas e com um cunho missionário, passava agora a integrar o cenário desumanizado do vasto Oeste (CONWAY, 1972). Na obra de Gilman, vemos que essas mulheres se fixam em um assentamento masculino com o intuito de serem as cuidadoras do local, tanto no sentido dos afazeres domésticos quanto na educação dos mais jovens.

O curto romance segue uma estrutura simples. Publicado serialmente, a narrativa trabalha com poucos personagens recorrentes, e inúmeros retornos ao enredo central feitos pela narradora. A personagem principal, Vivian Lane, é enviada para tal assentamento antes de entrar para o curso superior. Lá, se apaixona por Morton Elder, uma figura arredia que eventualmente é descoberto como "sifilítico". Vivian se encontra atormentada pelo dilema, e acaba por fim se distanciando do mesmo. O final recomendado ao estilo do romance provincial é atingido pelo encontro, apressada aproximação e casamento de Vivian e um médico local, no último capítulo do livro.

Seitler (2003) ao analisar a obra *The Crux* utiliza o conceito de Narrativas Degenerativas e Regenerativas. Para a autora a obra de Gilman se enquadra em uma forma narrativa de construir histórias moralizantes e eugênicas que mostram a degeneração de um personagem, e nos faz acompanhar todo o seu processo de ruína ou regeneração. Degeneração, para Gilman, assim como para as mulheres do movimento reformista, representava realmente o ponto crucial dos debates ao redor da reforma social. No romance, somos levados a acompanhar a trajetória de Vivian, uma adolescente que passa por transformações físicas e morais. Encorajadas pela

<sup>17</sup> A Reconstrução, geralmente situada entre 1865 e 1877, abrange todo os discursos políticos que pregavam a reconstrução do país após a violenta guerra de secessão, que dividiu todo o território nacional (ÁVILA, 2005). O período também abrange o processo de reintegração, conciliações e concessões dadas aos estados que haviam se separado do país no grupo dos confederados. Ávila (2005) indica que tais concessões demonstram o fracasso do projeto, ao entregar o poder local aos sulistas separatistas.

<sup>18</sup> De modo semelhante, como aponta Leonard (2016), as mulheres que foram viver entre os pobres, imigrantes e doentes, não se identificavam como vizinhas, mas sim como "settlers", ou, "colonizadoras". Eram em sua maioria de classes altas ou médias, descendente de famílias antigas, muitas vezes dividindo laços consanguíneos com a aristocracia inglesa. Essa distância que os progressistas colocavam entre eles e as pessoas pobres por quem advogavam, também vinha de seu próprio senso de uma identidade "desinteressada". Os progressistas eram "agentes da reforma" ou, "cientistas sociais".

vontade de cuidar, de forma maternal, dos jovens homens exploradores de minas, as novas colonizadoras do Oeste<sup>19</sup>, reafirmam a teoria reprodutiva<sup>20</sup> de Gilman sobre as responsabilidades da mulher, enquanto futura mãe, de tomar as decisões corretas para construção de uma nação pura e evoluída<sup>21</sup>.

O grande pecado biológico que desencadeia a possível degeneração da personagem ocorre quando Vivian se apaixona por Morton. No universo de Gilman, o personagem de Morton parece incorporar a destruição da inocência branca e pueril de Vivian. Permeado pela doença sexual, um semi-monstro Morton é significado por uma linguagem estética de claro padrão gótico. Em *The Crux*, a relação entre os dois não segue a bula romântica, mas sim a agenda eugênica da hereditariedade. Nas interações de Vivian e Morton, não temos um romance, mas sim os traços de uma heresia. Cada toque deixa uma marca na contraposição entre a pureza e a doença, que perduraria, como uma forma de maldição, pelas próximas gerações.

Will you tell that to your crippled children? asked Dr. Bellair. Will they understand it if they are idiots? Will they see it if they are blind? Will it satisfy you when they are dead? [...] You may have any number of still-born children, year after year. And every little marred dead face would remind you that you allowed it! And they may be deformed and twisted, have all manner of terrible and loathsome actions, they and their children after them, if they have any. And many do! Dear girl, don't you see that's wicked? [...] Beware of a biological sin, my dear; for it there is no forgiveness (GILMAN, 2003, p. 129-130)<sup>22</sup>.

<sup>19</sup> Frederick J. Turner (1861-1932), historiador estadunidense e contemporâneo de Gilman, popularizou a sua tese da fronteira a partir desse argumento. Crítico das teorias do "germe alemão", que conectavam a identidade americana às origens arianas, Turner via no próprio processo de colonização o cerne da identidade nacional. A fronteira, além de um sinônimo do Oeste "selvagem" e indígena, também era sinônimo de um processo colonial. A identidade estadunidense era a identidade da colonização, da libertação dos "selvagens" do Oeste através da civilização redentora (ÁVILA, 2005, p. 383-386).

<sup>20</sup> De modo sintético, Gilman parte das teorias evolucionistas e de eugenia positiva para compreender a formação social, e entende que "biologicamente" as mulheres ocupam o papel de decisão da reprodução social. Nelas reside a capacidade de escolha genética (GILMAN, 1911; 1998).

<sup>21</sup> Richard T. Ely (1854-1943), economista progressista também contemporâneo de Gilman, escrevia em 1903 a obra *The past and the present of political economy*. No livro, o economista vai além da metáfora da nação como um organismo. O autor entendia que a nação era uma espécie de organismo vivo. Na sua argumentação, vemos os análogos que se criaram no vocabulário político do século XIX nos Estados Unidos: a raça, a nação, o Estado, a comunidade, o bem comum, o povo, o organismo social. Todos eram termos que identificavam e canalizavam o sentido nacionalista do discurso progressista e definiam o território nacional, e os EUA, como uma única entidade (LEONARD, 2016). Entidade esta que poderia apresentar sinais de intoxicação, degeneração e doenças em seu "corpo".

<sup>22</sup> "Você vai dizer isso para seus filhos aleijados? perguntou a Dr. Bellair. Eles entenderão se forem idiotas? Eles verão se forem cegos? Isso irá satisfazê-la quando eles estiverem mortos? [...] 'Você pode ter uma série de filhos natimortos, ano após ano. E cada rostinho morto marcado iria lembrá-la de que você permitiu! E eles podem ser deformados e distorcidos, ter todo tipo de ações terríveis e repugnantes, eles e seus filhos depois deles, se tiverem

O pecado é biológico e os demônios são internalizados nos corpos, se expressando violentamente nas mulheres. Seitler (2003) acredita que a forma como Vivian se apaixona por Morton, seria o caminho de degeneração que a personagem percorre. Entretanto, é possível notar que Vivian nunca é, de maneira alguma, hostilizada, ou toma decisões que a moral interna do romance desaprovaria. A degeneração é apontada como estando em todos os aspectos das relações afetivas e sexuais humanas, mas não em Vivian. Ela se torna vítima do próprio corpo feminino em um mundo de degenerações:

“No! You don’t know. I didn’t know. Girls aren’t taught a word of what’s before them till it’s too late—not then, sometimes! Women lose every joy in life, every hope, every capacity for service or pleasure. They go down to their graves without anyone’s telling them the cause of it all” (GILMAN, 2003, p. 128)<sup>23</sup>.

No romance, os anseios de uma sociedade higiênica e industrializada são estilhaçados pela visão de sua própria corporalidade – bactérias, sangue, infecções. No meio de campos e montanhas idílicas, Vivian atinge a máxima compreensão ao mesmo tempo em que se sente aterrorizada por um mal inimaginado. Em um momento chave no enredo, percebemos que enquanto o pecado seja biológico, os mais perniciosos demônios se alojariam na própria natureza fisiológica humana - e o horror, se tornaria a inevitável compreensão de uma verdade crucial:

An hour the girl sat there, with the clear blue sky above her, the soft steady wind rustling the leaves, the little birds that hopped and pecked and flirted their tails so near her motionless figure [...] A feeling of unreasoning horror at this sudden outlook into a field of unknown evil was met by her clear perception that if she was old enough to marry, to be a mother, she was surely old enough to know these things; and not only so, but ought to know them (GILMAN, 2003, p. 131)<sup>24</sup>.

---

algum. E muitos o fazem! Querida menina, você não vê que isso é perverso? [...] Cuidado com o pecado biológico, minha querida; para ele não há perdão" (Gilman, 2003, p. 129-130, tradução nossa).

<sup>23</sup> "Não! você não sabe. Eu não sabia. As meninas não aprendem uma palavra do que está diante delas até que seja tarde demais! [...] As mulheres perdem toda alegria na vida, toda esperança, toda capacidade de serviço ou prazer. Eles descem para seus túmulos sem que ninguém lhes diga a causa de tudo isso" (GILMAN, 2003, p. 128, tradução nossa).

<sup>24</sup> "Por uma hora, a garota ficou sentada ali, com o céu azul claro acima dela, o vento suave e constante farfalhando nas folhas, os passarinhos que pulavam, bicavam e sacudiam suas caudas tão perto de sua figura imóvel. [...] Um sentimento de horror incomensurável diante dessa visão repentina em um campo desconhecido mal foi recebido por sua clara percepção de que, se ela tinha idade suficiente para se casar, para ser mãe, certamente tinha idade suficiente para saber essas coisas; mas não apenas isso, tinha obrigação de saber" (GILMAN, 2003, p. 131, tradução nossa).

Na escrita de Gilman, a sociedade urbanizada e industrializada de fins do século XIX, impulsionada por um cenário de evolução sexual humana fracassada - que havia se construído sobre o erro da restrição feminina - se encontrava à beira de uma total desarticulação de seu propósito. Entendendo a sexualidade humana como excessiva e naturalmente decadente, Gilman parece compartilhar do discurso reformista de receio moderno frente à disseminação de doenças venéreas e na “promiscuidade” das relações afetivas urbanas. Para o momento de compreensão final, a personagem não apenas precisa entrar em contato com uma verdade arrasadora, mas também se afastar do mundo urbano. Cunhado por Edward A. Ross (1866-1951), *racial suicide* se tornou um termo bem conhecido dos discursos sociais e econômicos dos Estados Unidos em fins do século XIX. Com o número de imigrantes crescendo a cada dia<sup>25</sup>, e o cenário das cidades se transformando aos olhos de qualquer um, o ressentimento com a figura do estranho imigrante, se consolidava como teoria “científica” (LEONARD, 2016). Os altos níveis de imigração estariam tomando não apenas os empregos dos nativos estadunidenses, mas também o futuro genético do país.

No discurso progressista, a reforma da sociedade passava a agir em um nível celular, orgânico. E mais importante, reforma também significaria transformações permanentes na estrutura social, política e genética da sociedade estadunidense (LEONARD, 2016). O reformismo se preocupava então, com o suicídio da raça, com os venenos da raça, com todas as ações individuais que se tornavam vinculadas ao todo humano através da noção de reprodução sexual e evolução. Apesar das descrições dadas por Darwin de que as transformações eram graduais e minúsculas, os progressistas tinham mais pressa e acreditavam na necessidade/possibilidade de interferência humana na evolução e nessas modificações.

Rensing (2013) aponta que o medo do *racial suicide*, era também uma resposta, dada pela sociedade conservadora, à liberdade econômica e política que gradualmente as mulheres conquistaram. Elas, entrando no mercado de trabalho, estariam mais suscetíveis a escolherem péssimos cônjuges, ou se reproduzirem com imigrantes; além das propagandas de dados referentes à baixa natalidade em famílias em que as mulheres frequentavam universidades. Gilman não atacava aqui a inserção feminina na educação superior. Inúmeras personagens eram formadas, ou estavam em vias de entrarem em suas *colleges* escolhidas. O medo desse suicídio pode ser encontrado nas falas da avó de Vivian – os imigrantes, bárbaros, degenerados, estavam

---

<sup>25</sup> Cerca de 15 milhões de imigrantes adentraram os Estados Unidos entre 1890 e 1914; em 1900, a cada quatro pessoas nas principais cidades de Chicago, Nova Iorque e Boston, três eram imigrantes (LEONARD, 2016).

corrompendo a sociedade ao corromper o corpo feminino e sua responsabilidade maternal. Nesse trecho, vemos a avó de Vivian, dando esperanças à sua neta através da eugenia positiva:

Think what we can do when we're rid of it! And that's in the hands of women, my dear—as soon as we know enough. Don't be afraid of knowledge. When we all know about this we can stop it! Think of that. We can **religiously** rid the world of all these—‘undesirable citizens.’ “How, Grandma?” “Easy enough, my dear. By not marrying them.” [...] “You can see that's reasonable! A man has to be examined to enter the army or navy, even to get his life insured; Marriage and Parentage are more important than those things! And we are beginning to teach children and young people what they ought to know. There's hope for us! (GILMAN, 2003, p. 139, grifo nosso)<sup>26</sup>.

O processo de regeneração de Vivian, para Seitler (2003), acontece a partir da sua ida ao Oeste e subida ao topo de uma montanha. Como uma metáfora para seu amadurecimento pessoal, se afastando de um amor sifilítico. Mas também poderíamos apontar o deslocamento, do centro urbano para o meio idílico rural. Esse deslocamento para que se construam críticas à sociedade urbana não é novidade nos romances de Gilman. Sob o peso da hereditariedade, Gilman cria uma espécie de personagem comum de seus romances – a reformadora da raça e da nação. A mulher, geralmente apontada como a histérica sifilítica em fins do século XIX<sup>27</sup>, nos romances de Gilman se torna a restauradora dos genes nacionais, quem tomaria para si a responsabilidade final de reconstruir o sentido das relações afetivas e da própria maternidade como atividades políticas de redenção através da compreensão de seu destino biológico. Realocando, enfim, as mulheres no centro do discurso progressista-nacionalista, Gilman consegue colaborar simultaneamente com os desejos de separação racial e com o nacionalismo patriarcal de fins de século XIX.

Entre novembro de 1909 e dezembro de 1916, o romance *Herland*<sup>28</sup> foi publicado serialmente na revista *The Forerunner*, escrita e editada por Gilman. Até o resgate feito pela

<sup>26</sup> "Pense no que podemos fazer quando estivermos livres de todos! E isso está nas mãos das mulheres, minha querida, assim que soubermos o suficiente. Não tenha medo do conhecimento. Quando todos soubermos disso, podemos parar! Pense nisso. Podemos nos livrar religiosamente o mundo de todos esses — ‘cidadãos indesejáveis’." "Como vovó?" "Simples, minha querida. Não nos casando com eles!" [...] "Você pode ver que é razoável! Um homem tem que ser examinado para entrar no exército ou na marinha, até mesmo para conseguir um seguro de vida; Casamento e paternidade são mais importantes do que essas coisas! E estamos começando a ensinar às crianças e aos jovens o que devem saber. Há esperança para nós!" (GILMAN, 2003, p. 139, tradução nossa).

<sup>27</sup> Conforme elaborado por Lois Rudinick e Alison M. Heru em "The secret source of 'Female Hysteria'"; essas relações com a histeria se tornam mais latentes em outras partes da pesquisa, onde analisamos a obra *The Yellow Wallpaper*.

<sup>28</sup> *Herland* foi publicado pela primeira vez no Brasil em 1981, com o título *Herland: a Terra das Mulheres*, pela editora Francisco Alvez. Em 2018 outras duas edições foram feitas, ambas com o mesmo título, pelas editoras Via Leitura, e Rosa dos Tempos (2018). A editora Via Leitura também trouxe a primeira versão ao Brasil do conto *O Papel de Parede Amarelo*, entre outros trabalhos da autora, em 2019.

editora Pantheon Books com o trabalho de pesquisa e introdução da literata Ann J. Lane, em 1979, a história ainda não havia sido publicada em forma de livro. Para a revisão seguinte, escolhemos essa edição de 1979. A publicação de Herland (1979) se tornou um ponto central no renascimento de Gilman ao longo dos anos de 1970 e 1980. Os temas dialogavam diretamente com outras publicações do movimento feminista de segunda onda<sup>29</sup>, como a *Dialética do Sexo: Um caso para a revolução feminista*, de Shulamith Firestone, publicado em 1970. Na obra de Shulamith, as bases da diferença sexual também são organizadas em torno de preceitos econômicos de exploração e expropriação, e o meio principal de apropriação do trabalho seria o próprio processo reprodutivo. Para que a revolução sexual feminina acontecesse, seria necessária a retomada do processo de reprodução sexual. Em Herland (1979) somos apresentados a uma série de possibilidades para a organização da reprodução sexual pensados no início do século XX, que poderiam ter tido um certo impacto na formação das bases do feminismo teórico de todo século XX.

O romance Herland (1979) pode ser enquadrado tanto como uma utopia ginocêntrica<sup>30</sup> quanto uma narrativa de viagem a terras “selvagens”. O romance acompanha a viagem e as descobertas de três homens, um sociólogo (que é também o narrador), e seus dois colegas. Os personagens Vandyke Jennings, Jeff Margrave e Terry Nicholson viajam em direção a uma terra da qual só ouviram rumores, procurando uma sociedade “selvagem” povoada inteiramente por mulheres. A trama se desenvolve inicialmente no ritmo de uma narrativa de viagem, na qual os exploradores, envolvidos pela sua ambição masculina de colonização, passam por dificuldades para chegar até seu destino final, e dessa maneira, Gilman introduz a personalidade de cada um.

A linguagem da narrativa de uma viagem as terras distantes e selvagens parece ser escolhida por Gilman para aumentar o contraste entre a expectativa que os três homens criam e aquilo que realmente encontram. Gilman, desde o primeiro momento de contato entre os três

---

<sup>29</sup> Nos Estados Unidos, o conceito das “ondas” do feminismo se popularizou dar um sentido histórico as reivindicações do movimento feminista dos anos de 1970, que se autointitulavam, a “segunda onda”. Entre Estados Unidos, Inglaterra e França, essas diferenciações entre primeira onda (sufrágio, independência econômica) e segunda onda (direitos reprodutivos, emancipação sexual/cultural), encontraram bastante consenso popular e acadêmico, por ser capaz de ir ao encontro das problemáticas de cada período (Nicholson, 2015). Acadêmicos como Nicholson (2015), entretanto, acreditam que a metáfora das ondas já deixou de fazer sentido a partir de sua terceira, que passou a abranger as reivindicações do movimento negro e LGBTQ+. Mas como discutido por Pedro (2006), essas transposições metafóricas não sobrevivem no Cone Sul.

<sup>30</sup> Ginocentrismo foi uma ideia chave das teorias desenvolvidas por Lester Frank Ward, botânico darwinista que acreditava ser a mulher o sujeito tipo da humanidade, enquanto homem seria uma variação. A influência de Ward na obra de Gilman, além de vastamente documentado por outros analistas de seu trabalho, foi também inúmeras vezes referenciado pela autora, inclusive em uma de suas obras centrais, *Women and Economics* (1899).

homens e as mulheres de Herland, deixa claro que estas não eram selvagens<sup>31</sup>. As mulheres de Herland vivem em um espaço utópico. Sua sociedade, extremamente desenvolvida e orgânica, exibe uma economia de plena distribuição de recursos e suave integração entre a tecnologia e a paisagem natural. São descritas como calmas, racionais e produtivas e, absolutamente indiferentes a qualquer necessidade de uma relação com os homens estrangeiros.

As frustrações da masculinidade do personagem Terry, em sua tentativa de impor sua visão misógina sobre as habitantes de Herland, pode servir para demonstrar como Gilman estabelece ao redor dos dispositivos de expectativa/desilusão, uma desconstrução estética do capitalismo predatório de sua própria sociedade. De acordo com Chang (2010), Gilman compartilharia dos receios de seus contemporâneos dos resultados tanto na saúde da população quando nas terras do processo de industrialização agressiva. Em Herland, a autora então cria uma paisagem de essência "parcial", já que não exclui a interferência humana e tecnológica das paisagens naturais, entretanto, mantendo a paisagem florestada, "pastoral", verde e natural:

I was astonished myself. You see, I come from California, and there's no country lovelier, but when it comes to towns! I have often groaned at home to see the offensive mess man made in the face of nature, even though I'm no art sharp, like Jeff. But this place! It was built mostly of a sort of dull rose-colored stone, with here and there some clear white houses; and it lay abroad among the green groves and gardens like a broken rosary of pink coral. [...] 'There's no dirt,' said Jeff suddenly. 'There's no smoke,' he added after a little. There's no noise'. (GILMAN, 1979, p. 44- 45)<sup>32</sup>.

Livres da relação exploratória entre homens e mulheres da sociedade a qual Gilman direcionava sua crítica, as mulheres de Herland se apresentam como a possibilidade viável, como um mundo a ser buscado, construído. Não na sua exclusão masculina, até porque só conhecemos Herland pelos olhos dos três homens, mas na possibilidade que apresenta de um mundo ginocêntrico, que voltaria todos seus esforços para o aprimoramento de seus cidadãos, partindo da valorização das mulheres. As narrativas de viagem a terras selvagens, entretanto,

<sup>31</sup> "Then there was a torrent of soft talk tossed back and forth; no savage sing-song, but clear musical fluent speech."; "It was only a rag, a long, raveled fragment of cloth. But it was a well-woven fabric, with a pattern, and of a clear scarlet that the water had not faded. No savage tribe that we had heard of made such fabrics" / "Uma torrente de falas calmas passou a ser trocada; nenhuma cantoria selvagem, mas sim um som musical e fluente em seu discurso"; "Era apenas um lenço, um longo fragmento de pano emaranhado. Mas era um tecido bem urdido, com padrão, e de um escarlate claro que a água não havia desbotado. Nenhuma tribo selvagem de que ouvimos falar faria tais tecidos" (GILMAN, 1979, p. 44-45, tradução nossa).

<sup>32</sup> "Eu mesmo estava pasmo. Veja, eu venho da Califórnia, e não há país mais adorável, mas quando se trata das cidades! Não sou especialista em arte, como Jeff. Mas este lugar foi construído principalmente com uma espécie de pedra fosca cor-de-rosa, com aqui e ali algumas casas de um branco claro; e estendia-se entre os bosques verdes e jardins como um rosário quebrado de coral rosa. [...] 'Não há sujeira', disse Jeff de repente. 'Não há nenhuma fumaça', acrescentou ele depois de um tempo. 'Não há barulho'" (GILMAN, 1979, p. 44-45).

quando contextualizadas e analisadas sob o aspecto da influência do imperialismo, podem fazer emergir outros sentidos.

Bender (2010) trabalha com essa ideia ao estudar Herland (1979) e a obra de outro contemporâneo de Gilman, Edgar R. Burroughs. Para o autor existe uma conexão, nos debates da virada do século de XIX para o XX, entre a percepção do imperialismo nos trópicos como inevitável a construção de uma sociedade civilizada e industrial na América do Norte por conta do clima das áreas temperadas. Como vemos em Herland, o clima não é tropical, como geralmente se explorava nas narrativas de viagens a terras distantes, pelo contrário, é similar ao clima dos EUA<sup>33</sup>. Bender (2010) aponta que os personagens de ambos os romances, Herland (1979) de Gilman e At The Earth's Core (1914) de Burroughs, viajam para lugares remotos para explicar a origem do trabalho industrial no trabalho doméstico feminino. Propondo que as sociedades que se encontram em estágio civilizado, ou seja, as detentoras de indústrias, além de serem devedores do trabalho primitivo feminino, seriam também o resultado de sua evolução em meio às adversidades climáticas (BENDER, 2010).

Robert DeCourcy Ward (1867-1931), climatologista estadunidense, envolvido nos debates do reformismo, em sua obra de 1908, *Climate, Considered Especially In Relation To Man*, explicava o desenvolvimento dos países mais ricos - colonizadores - a partir das intempéries de sua zona climática. O imperialismo nessas narrativas poderia ser percebido como uma extensão dessa mentalidade aos trópicos. Vivendo em zonas climáticas favoráveis, com uma divisão sexual do trabalho diluída, os povos colonizados não seriam capazes, por si mesmos, de desenvolverem uma indústria ou mesmo atingirem sozinhos, a civilização. Para esses teóricos, era imprescindível que, inicialmente, as mulheres desenvolvessem uma indústria doméstica para que houvesse a evolução humana de modo geral.

O clima temperado de Herland, assim como do território de origem da autora, com suas adversidades induziria a população branca - “ariana” como Gilman refere as herlanders – à uma cultura de inovação e inventividade. Ao contrário dos trópicos, com sua natureza facilitadora e produtora de populações menos criativas, que seriam para sempre selvagens sem a intervenção imperialista das civilizações Euro-Norte Americanas (BENDER, 2010). Simultaneamente, a

---

<sup>33</sup> "On the higher part of the country, near the backing wall of mountais, they had a real winter with snow. Toward the southeastern point, where there was a large valley with a lake whose outlet was subterranean, the climate was like that of California, and citrus fruits, figs and olives grew abundantly" / "Na parte mais alta do país, perto da parede de fundo das montanhas, elas tinham um verdadeiro inverno com neve. Na ponta sudeste, onde havia um grande vale com um lago cuja saída era subterrânea, o clima era como o da Califórnia, onde frutas cítricas, figos e azeitonas cresciam abundantemente" (GILMAN, 1979, p. 114, tradução nossa).

posição geográfica de Herland, no topo de uma colina, em seu simbolismo, reflete o medo de degeneração por contato com outras etnias, tanto nas colônias quanto nas metrópoles urbanas, algo similar ao que vimos no romance *The Crux*. Perpassando as narrativas literárias sobre viagem a terras selvagens, estavam os debates antropológicos e sociais ao redor da divisão sexual do trabalho e a posição da mulher na hierarquia de suas sociedades. Bender (2010) aponta para a função classificatória da diferença sexual na demarcação evolucionária, na qual uma lacuna menor entre homens e mulheres representaria a entrada para o estágio moderno de civilização. Nessa lógica, as mulheres brancas deveriam ser comparadas aos homens não brancos no estágio civilizatório, pois, mesmo que tivessem criado a indústria doméstica primitiva, as mesmas ficaram paradas no estágio evolutivo, por conta do aumento da diferença entre homens e mulheres no mundo moderno, ao invés de sua diminuição.

Para Bender (2010) a forma como Gilman e Burroughs trabalham com o conceito de uma sociedade sem a captura de mulheres por homens, mesmo que absolutamente distintas, dialogam de modo geral com o debate corrente na Era Progressista ao redor de uma aproximação do imperialismo estadunidense à condição e à posição feminina na sociedade moderna. Assim, a maneira de se imaginar relações de gênero dentro da literatura de ficção selvagem, assume uma clara atitude de posicionamento dentro dos debates mencionados, em que a mulher branca é definida como o agente histórico que iria direcionar a civilização, do primitivismo ao desenvolvimento perfeito de seus projetos de modernidade – quando saísse da posição de primitiva. O panteísmo maternal, característico da obra de Gilman, surge no romance a partir do conceito de partenogênese<sup>34</sup>, e se apresenta carregado pelas narrativas regenerativas, como cunhado por Seitler (2003). A valorização da experiência feminina na maternidade reproduz de certa forma o entendimento evolucionista de Gilman. A reprodução sexual, em Herland, ocorre a partir da espontaneidade do corpo feminino. Quando a mulher se encontra física e mentalmente preparada para a gestação, seu corpo, como que conduzida por uma força metafísica da maternidade, produziria a concepção. No romance a autora utiliza o

---

<sup>34</sup> Partenogênese: processo biológico de reprodução assexuada em que um óvulo se desenvolve sem fertilização. No romance, Gilman adapta poeticamente o conceito para descrever a reprodução espontânea e também coletiva que funda a sociedade de Herland. “The whole little nation of women surrounded them with loving service, and waited (...) As fast as they reached the age of twenty-five they began bearing. Each of them, liked her mother, bore five daughters (...) There you have the star of Herland! One family, all descended from one mother! (...) she alone founded a new race!” / “Toda a pequena nação de mulheres as envolveu com serviço e com amor, e esperaram (...) Assim que atingiram a idade de vinte e cinco anos, começaram a gerar. Cada uma delas, como sua mãe, teve cinco filhas (...) Aí está, o início de Herland! Uma família, todos descendentes de uma única mãe! (...) ela sozinha fundou uma nova raça!” (GILMAN, 1979, p. 88-9, tradução nossa).

termo de partenogênese para compará-lo a algo que faria sentido no mundo dos homens que as visitavam. Gilman descreve, também, que as mulheres de Herland são todas “mães”; não mulheres, necessariamente:

It would be so wonderful - would it not? To compare the history of two thousand years, to see what the differences are - between us, who are only mothers, and you, who are mother and fathers, too (Gilman, 1979, p. 77). The children in this country are the one center and focus of all our thoughts. Every step of our advance is always considered in its effect on them - on the race. You see, we are Mothers (GILMAN, 1979, p. 99)<sup>35</sup>.

Nas suas narrativas de ficção é possível ver uma identificação com o pressuposto de “raça superior” de forma mais implícita nas paisagens. Gilman, nessas narrativas, conecta feminilidade e civilização às teorias do século XIX de que o clima temperado seria a explicação para a evolução e a superioridade da raça branca. As mulheres, brancas, sem as restrições patriarcais, estariam em um estágio de evolução superior mesmo aos dos homens brancos do mundo real de Gilman. Na edição de janeiro de 1916 do jornal The Sunday Herald, em Boston, temos a revisão de Allen Sinsheimer da obra de Gilman.

Nessa resenha, intitulada *Woman's Position The True Mark of Civilization*, a relação entre a evolução humana e a posição feminina no desenvolvimento das civilizações é analisada. Na ilustração, assinada por “Newberry”, vemos um homem primitivo sendo impulsionado a sua posição de homem moderno civilizado por uma mulher a partir de uma cápsula que marca os períodos: de "Animal Zero" para "Social Ideals" e finalmente chegando a "The Perfect Life". A partir dessa resenha, em um jornal de grande circulação, percebemos como Herland (1979) não ecoava apenas as discussões ao redor da agenda feminista, mas também de modo geral, dos reformistas e progressistas, que através do discurso científico, pretendiam compreender a posição estadunidense na sociedade global – nesse sentido, como defendido, de líderes da civilização, mostrando o caminho para outras sociedades menos desenvolvidas. Gilman, em Herland (1979), não estava apenas expondo algumas das bases que sua produção teórica se fundava, mas entrava no âmbito mais popular, através da ferramenta literária, de uma discussão a respeito da evolução humana.

---

<sup>35</sup> “Seria maravilhoso – não seria? Comparar a história de dois séculos, para ver as diferenças entre nós, que somos mães, e vocês que são mães e pais” (Gilman, 1979, p. 77, tradução nossa); “As crianças desse país são o centro de todo nosso foco e pensamento. Cada passo de nosso desenvolvimento é sempre considerado a partir de seu efeito neles – e do efeito em nossa raça. Veja, somos Mães” (GILMAN, 1979, p. 99, tradução nossa).

As you look higher in the scale of life you notice different treatment toward the women. Occasionally you find the man providing the home and food, the woman caring for the Young. THAT IS THE FIRST STEP toward civilization. (SINSHEIMER, 1916, s/n)<sup>36</sup>.

## Mulheres brancas, homens negros e o sufrágio: intertextualidades de um contexto em ebulação

How can we best promote the civilization of the negro? He is here; we can't get rid of him; it is all our fault; he does not suit us as he is; what can we do to improve him? (GILMAN, 1908, p. 80)<sup>37</sup>.

A ideia de cidadania estadunidense de início do século XIX derivava de conceitos filosóficos republicanos e individualistas (TRAUTSCH, 2015). Entendia-se que a cidadania estadunidense se construía a partir da capacidade de homens adultos de defenderem corpo-a-corpo seu território nacional<sup>38</sup>. Mulheres, por sua vez, não eram vistas como capazes de cumprir tais tarefas e, portanto, não eram entendidas como cidadãs. Com a cidadania conquistada pelos homens negros, como parte do projeto de emancipação pós-Guerra Civil, criou-se um cenário em que as mulheres brancas ficariam subordinadas, simbolicamente, à proteção de homens negros (Newman, 1999). O movimento sufragista feminino respondeu a esse processo com a construção de um novo discurso sobre seu papel na sociedade estadunidense.

Grupos de identificação entre mulheres brancas surgiram ao longo de todo o século XIX. Eram grupos religiosos, grupos de trabalho voluntário em hospitais, em escolas, clubes de

---

<sup>36</sup> "Conforme olhamos para o alto na escala da vida humana, percebemos um tratamento diferente em relação as mulheres. Ocasionalmente você pode encontrar o homem provendo a casa e a comida, e a mulher cuidado dos mais novos. ESSE É O PRIMEIRO PASSO na direção da civilização" (SINSHEIMER, 1916, s/n, tradução nossa).

<sup>37</sup> "Como podemos promover a civilização do negro? Ele está aqui; não conseguimos nos livrar dele; é tudo nossa culpa; ele não nos serve como está; o que podemos fazer para aprimorá-lo?"(GILMAN, 1908, p. 80, tradução nossa). Nesse texto, Gilman descreve como deveria ser tratado o "problema negro". Em sua solução eugenista, os que estivessem abaixo da linha "4" de civilização (os brancos estavam em "10" e os negros em "4") deveriam ser segregados à força em uma espécie de exército, com todas "honrarias", e treinados até serem civilizados.

<sup>38</sup> O nacionalismo estadunidense era marcado por uma relação de restrição feminina e ao mesmo tempo de capacidade bélica masculina. Nos discursos de Thomas Jefferson, aponta Trautsch (2015), vemos uma crítica do presidente à Europa pela liberdade dada às mulheres. Os EUA, pelo contrário, mantinham suas mulheres seguras, encerradas em suas casas, longe da humilhação do trabalho. Por isso, eles teriam melhores filhos, e por consequência melhores homens. Nesse mesmo sentido, Trautsch (2015) indica que, na guerra de 1812, entre os EUA e a Inglaterra, o discurso nacionalista dizia que as mulheres deveriam servir seu país ao se reproduzirem e darem mais filhos homens aos seus maridos. E os homens, serviam ao propósito da nação pela sua capacidade de pegar em armas e lutar pelos ideais liberais da revolução de 1776. Criou-se ali, um precedente em que a cidadania estaria vinculada a capacidade bélica masculina, que retornaria nas reivindicações pelo voto negro posteriormente.

instituições filantrópicas e clubes literários (CONWAY, 1972). Eram pequenos movimentos que aos poucos e organicamente se aliaram a outros grupos reformistas, nacionalistas da Era Progressista, e discutiram a presença e o papel feminino na modernidade que se construía. Em sua maioria defendiam o direito feminino à cidadania plena, com voto, regência de bens, e independência financeira e intelectual. As associações femininas logo se tornaram a base do movimento sufragista e feminino (NEWMAN, 1999).

Assuntos como a criação de crianças, a moralidade, a alimentação, a higiene, e outras questões familiares, eram tratados pela mentalidade pública como questões da alçada feminina (Leonard, 2016). Como o reformismo pretendia atuar em questões práticas e internas da organização nacional, permeado pelos discursos eugênicos, as mulheres mesmo sem poderem votar passaram a ganhar certa notoriedade no espaço público (NEWMAN, 1999), sendo essas mulheres chamadas para tratar de questões específicas, como caridade, saúde, moral pública entre outras questões higienistas<sup>39</sup>. Seu trabalho inicialmente, era uma continuidade da cultura reformista do período, que pretendia reformar não apenas as estruturas sociais, mas também morais, em frente ao pânico que a urbanização e a industrialização criaram. Sua notoriedade, a partir das reivindicações específicas do movimento sufragista, só seria alcançada entre os anos de 1870 e 1880 (NEWMAN, 1999). Além da influência do próprio cenário reformista, a sua popularidade foi acompanhada pelo fluxo cada vez maior de mulheres no mercado de trabalho, que após os anos de 1900, explodiria e ainda alteraria as relações sociais entre homens e mulheres.<sup>40</sup>

Entre os anos de 1840 e 1850 o discurso feminino desenvolvido pelas abolicionistas brancas era bem diferente daquele que se popularizaria no final do século. Essas mulheres criaram paralelos entre seu sofrimento sob o poder masculinizado das instituições modernas, e o sofrimento daqueles - homens e mulheres – escravizados (NEWMAN, 1999). As abolicionistas utilizavam desses argumentos numa tentativa de criar empatia nas classes femininas brancas mais abastadas, que poderiam apoiar o movimento de emancipação negra. Esse trabalho feito pelas mulheres brancas na primeira metade do século XIX era inclusive

---

<sup>39</sup> Foi nesse período que a primeira mulher foi nomeada para um cargo de direção em uma agência nacional, com Julia Lathrop no Departamento Nacional das Crianças em 1912 (LEONARD, 2016).

<sup>40</sup> Em 1910 as mulheres eram 21% da força de trabalho oficial dos Estados Unidos. Mesmo em meio a imigração, que era majoritariamente masculina e ocupava uma parcela considerável do trabalho urbano, acredita-se que as mulheres ocupavam um espaço ainda maior na força de trabalho, mas que apenas não eram contabilizadas. E esse número cresceu ainda mais nos anos seguintes, com a entrada dos Estados Unidos na Primeira Guerra (LEONARD, 2016).

lembra por símbolos da luta negra como cruciais dentro de seu processo de libertação política.<sup>41</sup> Entretanto, no fim do século XIX, as mesmas mulheres que foram agraciadas com os mais altos elogios pelo movimento abolicionista negro, defendiam o controle social do corpo dessas mesmas pessoas, sua esterilização, e em alguns casos, até mesmo sua deportação para o continente africano (NEWMAN, 1999).

Na convenção dos direitos das mulheres de 1888, Susan B. Anthony (1820-1906)<sup>42</sup> se referia a Robert Purvis (1810-1898) como o único homem que foi capaz de esperar por quase três décadas para que suas filhas pudessem votar com ele (NEWMAN, 1999). Purvis era filho de uma mulher negra com um homem branco, e lutou durante quase toda sua vida no movimento abolicionista. O processo de emancipação negra ocorreu entre os anos de 1863 e 1865, ao longo da Guerra Civil, onde muitos homens negros lutaram juntamente ao exército do Norte estadunidense (NEWMAN, 1999). Nos anos de 1869 e 1870, as emendas constitucionais de número 14 e 15 foram ratificadas, dando cidadania plena aos homens negros, e com isso, o direito de livre associação e sufrágio (TRAUTSCH, 2015). O voto conquistado pelos homens negros, para muitas sufragistas, significaria o fortalecimento da noção de que a cidadania era masculina. Nas palavras de Elizabeth C. Stanton a National American Women Suffrage Association, em 1869:

Woman will then know with what power she has to contend. It will be male versus female the land over. All manhood will vote not because of intelligence, patriotism, property or white skin, but because it is male, not female (STANTON, 1978, p.254 *apud* NEWMAN, 1999, p. 5)<sup>43</sup>.

---

<sup>41</sup> Susan B. Anthony expressava seu descontentamento com as emendas 14 e 15 geralmente em suas cartas privadas. Na sua vida pública se associou com expoentes do movimento negro como Ida B. Wells (1862-1931) e Frances W. Harper (1825-1911). Na homenagem feita em razão da morte de Anthony e Elizabeth C. Stanton, ambas foram reconhecidas por líderes do movimento negro como aliadas cruciais (NEWMAN, 1999). Em um texto de 1915, Robert H. Terrell, um advogado e participante do movimento negro, escrevia na revista Crisis: "Finally as a matter of sentiment, every man with a Negro Blood in his veins should favor woman suffrage." / "Finalmente, como demonstração de sentimento, todo homem com sangue negro em suas veias deveria ser a favor do sufrágio feminino". Na mesma edição, sob o tema Votes for Women, homens e mulheres envolvidas no movimento negro mencionam os nomes de outras sufragistas e abolicionistas, como Julia Ward e Elisabeth Cady Stanton (TERRELL, 1915, p. 181, tradução nossa).

<sup>42</sup> Susan B. Anthony era uma abolicionista e sufragista estadunidense da Era Progressista. Presidente de inúmeros grupos pelo sufrágio feminino, como a National American Woman Suffrage Association, ela trabalhou como escritora e palestrante pelo voto feminino (NEWMAN, 1999).

<sup>43</sup> "As mulheres irão saber com qual poder elas terão que lutar. Será homem contra mulher para todo lado. Toda masculinidade votará não por causa de sua inteligência, seu patriotismo, propriedade ou por sua pele branca, mas porque é um homem, não uma mulher" (STANTON, 1978, p. 254 *apud* NEWMAN, 1999, p. 5, tradução nossa).

No mesmo período em que Charlotte Perkins Gilman começou a trabalhar como escritora, reformista e sufragista, nos anos de 1870 a 1920, o movimento feminino se manteve branco. As questões levantadas por mulheres negras, que em menor número participavam das associações, eram negligenciadas como questões raciais (NEWMAN, 1999). Criava-se uma clivagem profunda entre sexo e raça para especificar a luta feminina daqueles que dirigiam o movimento - mulheres brancas. Se antes se pretendia aliar as dores e a exploração comum entre mulheres brancas, homens e mulheres negras, o discurso se fechava, se diferenciava.

Nesse ponto, é necessário apontar que os discursos do movimento feminino branco e a realidade das mulheres negras se desencontravam em questões não apenas ideológicas, mas materiais. A partir do momento em que os homens negros passaram a receber a cidadania, o movimento feminino branco passou a defender a noção de que agora as mulheres negras estariam na mesma situação das mulheres brancas - cativas de um dono, oficializado pelo casamento, que usaria de sua força de trabalho, e de seu corpo, como bem quisesse, além de gerir seus bens e delimitar sua condição (NEWMAN, 1999).

As relações de gênero eram material e culturalmente distintas entre pessoas negras e brancas no período da Reconstrução. Esses homens negros que haviam conquistado sua cidadania plena não eram donos, ou supervisores de suas esposas e filhas. Pelo contrário, mantinham relações muito mais complexas, que poderiam envolver a violência, mas também poderiam ser, e eram em sua maioria, de companheirismo ou proteção e assistência<sup>44</sup>. As mulheres negras não eram impedidas de trabalhar fora de casa, elas eram obrigadas pelas suas condições materiais, e ainda tratadas como sub-mulheres pela cultura burguesa por fazê-lo; não eram impedidas pelo constrangimento social de frequentar universidades, tal realidade nem sequer era uma possibilidade plausível. Sua violência, como denunciavam os membros das pequenas - e ignoradas - associações de mulheres negras, vinha dos patrões, homens e mulheres brancos, da discriminação sexual e racial para conseguir empregos, do estupro interracial - majoritário e culturalmente ignorado (DAVIS, 1983; CHRISTENSEN, 1997; NEWMAN, 1999).

---

<sup>44</sup> As relações entre homens e mulheres negras eram perpassadas pela cultura patriarcal da sociedade estadunidense. Mas estavam envolvidas em uma realidade de marginalização compartilhada pela escravidão e pelo racismo. Por isso escolhemos não apenas apontar uma resistência conjunta, mas também a possibilidade de violências de gênero dentro das relações sociais entre pessoas negras, como apontada por mulheres negras nas associações do movimento feminino negro (DAVIS, 1983).

O discurso que se construiu dentro do movimento feminino branco de fins do século XIX girava em torno do sentido de evolução, modificação e etapas. (NEWMAN, 1999). Seres evoluídos/seres atrasados, culturas primitivas/culturas civilizadas, e hábitos que indicavam o nível de primitivismo. Mulheres não brancas - negras, indígenas, orientais ou asiáticas - estariam presas em culturas violentas e sádicas, mais sádicas do que o próprio patriarcado (NEWMAN, 1999). O próprio patriarcado era considerado uma espécie de cultura em evolução que, surgindo sob formas violentas, passando por modelos menos abrasivos, chegaria, futuramente ao seu fim.

Para as reformistas brancas, homens e mulheres não eram idênticos através das raças. Cada raça tinha naturezas específicas para seus gêneros, e o trabalho pela igualdade significava o nivelamento do poder entre homens e mulheres brancos, como faróis da civilização para o resto do mundo (NEWMAN, 1999). Como aponta a historiadora Anne McClintock (1995), o discurso do século XIX, na Inglaterra e também nos Estados Unidos, utilizava como correspondentes terminológicos os conceitos de raça, gênero e classe para criar hierarquias cada vez mais complexas. A "raça" poderia ser utilizada para distinguir hierarquias de classe, enquanto o "gênero" poderia refinar as diferenças entre as raças. Como algumas subcategorias raciais poderiam ser tratadas como a "nobreza" daquele grupo racial maior, a raça branca poderia ser tratada como o "masculino" de todas as raças, e a mulher branca, era alinhada ao mesmo patamar de homens negros ou outros povos "primitivos" (MCCLINTOCK, 1995). Com isso, para as mulheres brancas, se distinguir racialmente era uma forma de se aproximar socialmente daquele que era considerado o melhor gênero/raça/classe de todas as espécies, o homem branco.

O paradigma evolucionista era tão intrínseco ao pensamento político e social do período que a possibilidade de se modificar a posição ou hábitos femininos indicava o perigo de interferir no processo evolutivo das civilizações "avançadas". Newman (1999) aponta como algumas sufragistas propunham que as modificações dos hábitos, como o voto feminino, não alterariam em nada sua natureza, ou seja, sua virtude, pureza e capacidade reprodutiva e maternal. Outras, como Gilman, abraçavam a noção de transformação genética como parte de uma evolução humana controlada e aprimorada (Gilman, 1998). Entre 1869 e 1920, inúmeros estados do território estadunidense passaram emendas em seus códigos que deram o sufrágio às mulheres. Newman (1999) aponta, entretanto, que existe uma correlação entre o nível de tensão racial de cada estado e a velocidade com que se passaram tais leis. Estados com números

maiores de imigração e de população negra, como a Califórnia, debatiam o sufrágio juntamente com outras propostas de controle social, eugenico e reformista, o que levava ao atraso na aprovação dessas emendas. O voto feminino significava uma modificação nas relações sociais entre homens e mulheres, e ainda implicava transformações evolutivas. A questão racial, e a questão do suicídio racial, eram intensificadores do debate em torno da emancipação feminina. Questionavam-se: Mudar a natureza feminina através da modificação de sua condição não resultaria em um enfraquecimento da raça branca? ou resultaria em seu aprimoramento?<sup>45</sup>

Between 1909 and 1919, forty American states restricted working hours; fifteen imposed minimum wages, and all but nine paid stipends to single-parent families with dependent children.<sup>1</sup> This outpouring of progressive legislation is rightly regarded as a cornerstone of the American welfare state. Yet maximum hours, minimum wages, and mothers' pension laws applied to women and women only. Male workers were exempted (LEONARD, 2016, p. 169)<sup>46</sup>.

Enquanto se discutia a capacidade das mulheres de votar ou trabalhar fora de casa, e o que isso significaria para o futuro genético nacional dos países "civilizados", as mulheres brancas defendiam seu papel de salvadoras civilizadas de outras raças (NEWMAN, 1999). A mentalidade imperialista estadunidense seguia os princípios da dicotomia selvagem-civilizado. Países como Cuba e as Filipinas, em fins do século XIX e início do XX, eram utilizados para a exploração material e de força de trabalho. A exploração era justificada pelo discurso da salvação e do necessário embranquecimento da população como forma de missão transcendental. Os críticos do imperialismo estadunidense, entretanto, acreditavam que esses civilizadores estavam colocando sua própria raça em perigo ao se manter tão próximos desses homens e mulheres "primitivos" (NEWMAN, 1999).

---

<sup>45</sup> Uma das principais queixas em relação à emancipação feminina dizia respeito à queda da natalidade nacional. Como aponta Leonard (2016), o número de mulheres matriculadas em faculdades mais do que triplicou entre os anos de 1890 e 1910. Essas mulheres demoravam mais tempo para casar, ou casavam menos, e realmente tinham menos filhos. Entretanto, eram ainda apenas as mulheres mais privilegiadas que conseguiam o acesso ao ensino superior, e os índices de natalidade nessa classe sempre foram menores. Leonard (2016) ainda chama atenção para os estudos que já mostravam que o declínio de natalidade era muito anterior tanto à imigração quanto ao fenômeno de educação feminina. Scott e Nelie Nearing, reformistas eugenistas, defendiam por exemplo, que apenas os inaptos pudessem usar contraceptivos. Mulheres brancas da classe média e alta, deveriam ser proibidas (LEONARD, 2016).

<sup>46</sup> "Entre 1909 e 1919, quarenta estados americanos restringiram as horas de trabalho; quinze impuseram um salário mínimo, e todos menos nove pagaram estipêndios para famílias com um único responsável. Essa enxurrada de legislações progressistas é devidamente tratada como uma pedra basilar do Estado de Bem Estar Americano. Porém, leis de teto de horas, salário mínimo, e pensões eram dadas apenas a mulheres. Homens não eram contemplados" (LEONARD, 2016, p. 169, tradução nossa).

A miscigenação não era apenas um choque entre culturas, era um crime genético contra a saúde e o futuro da raça superior e civilizada. Esses homens, que entravam em contato com outras raças ou que eram favoráveis à imigração, eram vistos como degeneradores raciais (LEONARD, 2016). E as mulheres brancas, passavam a assumir o papel de vítimas, ou de salvadoras - vítimas da fraqueza sexual e moral do homem branco em relação às mulheres não-brancas - e salvadoras da raça por serem as únicas capazes de regenerá-los através do casamento e da reprodução "saudável" branca.

A reprodução feminina se tornava um indicativo da saúde racial do mundo civilizado. Todo e qualquer efeito sobre ela, era visto como uma questão de saúde nacional. O maternalismo político surgia assim como uma forma de alavancar a posição feminina dentro da hierarquia política interna. Na década de 1860, as sufragistas ainda não haviam conseguido seu voto, mas discutiam se os homens negros deveriam ou não poder votar antes delas (Newman, 1999). Seu discurso não era apenas da igualdade sexual entre homens e mulheres, era principalmente da diferença racial.

Em 1869, duas associações para o voto feminino surgem e polarizam o movimento feminino: a National Woman Suffrage Association e a American Women Suffrage Association<sup>47</sup>. Com nomes e missões parecidas, os grupos discordavam sobre o voto negro. (NEWMAN, 1999). A primeira era absolutamente contrária à ideia de dar aos homens negros o direito ao voto. Não acreditava que eles estivessem prontos para tal tarefa, pois ainda sofriam com a ignorância e a condição quase animalesca de seu atraso evolutivo. A segunda, era a favor por acreditar que ao conseguirem o voto, eles poderiam ajudá-las a conquistar o seu sufrágio. De acordo com Newman (1999) as mulheres negras em sua maioria apoiavam o sufrágio negro masculino. Os homens negros que se manifestavam, por sua vez, se dividiam entre aqueles que viam o sufrágio universal como uma etapa importante da igualdade racial, e aqueles que temiam que, com as mulheres brancas podendo votar, o número de inimigos políticos da comunidade negra, aumentasse<sup>48</sup>.

<sup>47</sup> Associação Nacional do Sufrágio Feminino e a Associação do Sufrágio Feminino. Charlotte Perkins Gilman fazia parte do NWSA como representante do estado da Califórnia. Considerando que Gilman percebia a situação da comunidade negra nos Estados Unidos, em 1908, como um problema socio-biológico, não é nenhuma surpresa tal associação (UNITED STATES Congress, 1896, tradução nossa).

<sup>48</sup> Josephine St. Pierre Ruffin, então membro da Association of Colored Women, escrevia na revista Crisis, em 1915, que muitos homens negros desconfiavam do sufrágio feminino, pois o movimento poderia "increase the number of our political enemies"/ "aumentar o número de nossos inimigos políticos" (RUFFIN, 1915, p. 188 *apud* NEWMAN, 1999, p. 63).

A igualdade e a diferença não eram termos irreconciliáveis em um mesmo argumento. Igualdade racial e diferença sexual se entrelaçavam para explicar a necessidade de direitos políticos iguais entre homens e mulheres brancos - pois, mesmo iguais racialmente e diferentes sexualmente, isso não os impediam de estarem no mesmo patamar de civilizadores. O mesmo não significa dizer que o movimento feminino nasceu especificamente com o propósito de reivindicações imperialistas e racistas. Mas é imprescindível destacar que ele surgiu e se construiu dentro de um cenário intelectual que permitia sua organização conceitual dentro de limites racializados. E que isso não apenas era parte de suas reivindicações no plano conceitual, mas também nas disputas cotidianas de poder entre grupos com diferentes níveis de agenciamento. O discurso igualitário dos abolicionistas e sufragistas que influenciaram o movimento feminino no pós-guerra civil nunca impediu a noção de superioridade racial branca, apenas compreendia que a cidadania poderia ser usada como forma de aprimoramento, através da educação, controle e cristianização dos não-brancos.

## Considerações finais

A 'too easy' nation may be exploited like a too easy individual; not only by foreign nations glad to get rid of their undesirables, but its own conscienceless citizens. The evil of our 'watered stock', our artificially distended citizenship, lies most at our own door (GILMAN, 1914, p. 118)<sup>49</sup>.

Ao buscar a construção de um contexto passível de diálogos com a obra de Gilman, encontramos um cenário prolífico. Os anos finais do século XIX e início do XX nos Estados Unidos, tensionavam as compreensões de seu passado, e os projetos para seu futuro dentro de uma lógica evolucionista. A eugenia se tornava vocabulário político e a Era Progressista criava novas maneiras de se pensar a organização da máquina estatal (LEONARD, 2016). O racismo científico se tornava cultural não apenas nas propostas anti-imigratórias e segregacionistas do mundo pós-abolição, mas também na forma de se conceber as relações sexuais e sociais;

<sup>49</sup> Uma não ‘fácil demais’ pode ser explorada tanto quanto um indivíduo ‘fácil demais’; não apenas por nações estrangeiras ansiosas em se livrarem de seus ‘indesejados’, mas pelos nossos próprios cidadãos sem consciência. O mal de nosso ‘caldo aguado’, de nossa cidadania artificialmente distendida, se encontra em grande proporção à nossa porta (GILMAN, 1914, p.118). O texto se refere ao “caldo” racial que se discutia no momento em relação às imigrações; bem similar ao sentido de “Melting Pot”, termo cunhado na peça de teatro do anglo-judeu Israel Zanqwill em 1908; como forma de elogio aos EUA, que à época seriam como um “caldeiração de culturas”, onde velhas rivalidades nacionalistas da Europa se fundiriam.

enquanto a sexualidade, se tornava um tema dos economistas e reformistas (WIENEN, 2012; NEWMAN, 1999). O sexo, e a reprodução da raça branca, eram questões sensíveis que perpassavam o cotidiano, as relações de trabalho e os projetos políticos.

Por isso mesmo, os deslocamentos do feminino se tornaram tão preocupantes. A virada do século marcava também uma época de grandes transposições, alargamento de fronteiras e diminuição das relações entre espaço e tempo. E ao mesmo tempo, a definição de limites, para corpos e territórios, se tornou teoria e prática social. Charlotte Perkins Gilman vivenciou e inventou sua realidade a partir desse cenário. Os temas dos textos de ficção selecionados demonstraram a tentativa de construção de um novo sentido e papel para o corpo feminino no espaço público. A maternidade se tornava o destino feminino e também um instrumento discursivo para a expansão das possibilidades de atuação feminina na vida social. Sua obra ficcional participa de um conjunto de sentidos culturais que articularam as ansiedades eugenistas às reivindicações pelo sufrágio e emancipação feminina - branca - de fins do século XIX e, que adentrou o século XX como episteme do feminismo estadunidense.

Envolta na discussão dos direitos femininos, a autora não apenas participou da Era Progressista com seu reformismo mas interferiu nela, com a elaboração de uma tese sobre a evolução sexual humana especificamente feminina. Os seus textos não ficcionais analisados, demonstraram a criação de uma tese em que a evolução humana era a base de toda a organização social e econômica - e que estava em fase de declínio por seus próprios vícios (GILMAN, 1911; GILMAN, 1998)<sup>50</sup>.

Poderíamos compreender, por enquanto, que o signo "mulher" se tornou instrumento e fim de sua obra mas que sua tese é inspirada em uma visão universalista e evolucionista da condição humana. A recusa de uma biografia linear, ou mesmo de uma apresentação global de sua obra, combinada à leitura de seus trabalhos a partir da contraposição dos conceitos que a própria autora menciona e desenvolve, como nos convida LaCapra (1983), pôde nos levar a ultrapassar o dilema de definição de sua obra como eugenista ou feminista, criando um espaço para a leitura e a análise composta desses elementos. Gilman não se mostrou como um ou outro, mas sim, se expôs como uma possibilidade para compreensão das articulações que o corpo feminino, a categorização científica da reprodução sexual e o nacionalismo criaram no início do século XX. A obra de Charlotte Perkins Gilman nos convida a ler a produção intelectual de

---

<sup>50</sup> Conforme discutido, as obras e as conclusões foram construídas ao longo de uma investigação mais ampla, que analisava também as obras não ficcionais, e sua construção teórica.

mulheres de maneira mais tensionada em relação ao seu tempo. Não para canonizá-las como símbolos de uma resistência política, mas para problematizar seus escritos como parte da construção dos significados sociais, raciais e de gênero, do universo com a qual seus trabalhos dialogaram.

## REFERÊNCIAS

ÁVILA, Arthur Lima de. O Oeste historiográfico norte-americano: a Frontier Thesis vs. a New Western History. **Revista Anos**, Porto Alegre, v.12, n.21, p. 369-413, 2005.

BENDER, Daniel E. In Women's Empires: Gynaecocracy, Savagery, and the Evolution of Industry. **American Studies**, v. 51, n. 3, p. 61-84, 2010.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaina & FERREIRA, Marieta M. (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 2<sup>a</sup> edição, RJ: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

CHANG, Li-Wen. Economics, Evolution, and Feminism in Charlotte Perkins Gilman's Utopian Fiction. **Women's Studies: an inter-disciplinary journal**, v. 39, v. 4, 2010.

CHARLOTTE PERKINS GILMAN PAPERS, 1846-1961; "Woman's Position the True Mark of Civilization", Allen Sinsheimer, **The Sunday Herald Boston**, 1916. In: Oversize and Memorabilia. Schlesinger Library. Schlesinger Library. Disponível em: [https://iif.lib.harvard.edu/manifests/view/drs:17454837\\$1i](https://iif.lib.harvard.edu/manifests/view/drs:17454837$1i). Acesso em: 18 jan. 2023.

CHARLOTTE PERKINS GILMAN PAPERS, 1846-1961; "Divorce" Journals: **Eagle, The World, The Press, Boston Globe - 1892, 1894, 1897**. In: Newsclippings; General; Divorce, 1892, 1894, 1897. Disponível em: <https://nrs.lib.harvard.edu/urn-3:rad.schl:2959240>. Acesso em: 18 jan. 2023.

CHRISTENSEN, Kimberly. 'With Whom Do You Believe Your Lot Is Cast?' White Feminists and Racism. **Signs Journal**, v. 22, n. 3, p.617-648, 1997.

CONWAY, Jill. Women Reformers and American Culture, 1870-1930. **Journal of Social History**, v.5, n.2, 1972.

DAVIS, Angela. The Meaning of Emancipation According to Black Women. In: **Women, Race and Class**. New York - Editora Vintage Books, 1983.

DAVIS, Cynthia J. "New England" e "Califórnia." In: **Charlotte Perkins Gilman: a biography**. Califórnia - Stanford University Press, p. 3-138, 2010.

ELY, Richard Theodore. "The New School" In: **The past and the present of political economy**. Baltimore - John Hopkins Press, p. 43-64, 1884.

GILMAN, Charlotte Perkins. A suggestion on the negro problem. **The American Journal of Sociology**, p. 78-85, 1908.

GILMAN, Charlotte Perkins. **Herland**. Introdução de Ann J. Lane. New York - Pantheon Books, 1979.

GILMAN, Charlotte Perkins. Immigration, Importation And Our Fathers. **The Forerunner**, New York: Charlton Co., V. 5, 1914.

GILMAN, Charlotte Perkins. **The Crux**. Introdução por Dana Seitler. Duke University Press, 2003.

GILMAN, Charlotte Perkins. **The Man-Made World, or, our androcentric culture**. Londres T. Fisher Unwin, 1911.

GILMAN, Charlotte Perkins. **Women and Economics: A study of the economic relation between men and women as a factor in social evolution**. Prefácio de Michael Kimmel e Amy Aronson. Berkeley University of California Press, 1998.

HOROWITZ, Helen Lefkowitz. **Wild Unrest: Charlotte Perkins Gilman and the Making of "The Yellow Wallpaper"**. New York - Oxford University Press, 2010.

KNIGHT, Denise D. Prospects for the study of Charlotte Perkins Gilman. State University Press - **American Literary Study**, v. 36, p. 1-25, 2011.

LACAPRA, Dominick. Rethinking Intelectual History and Reading Texts. In: **Rethinking Intelectual History: Texts, contexts, language**. Cornell University Press, Ithaca, p. 23-72, 1983.

LANE, Ann J. **To "Herland" and beyond: the life and work of Charlotte Perkins Gilman**. New York: Pantheon Books, 1991.

LEONARD, Thomas C. **Illiberal Reformers: Race, Eugenics and American Economics in the Progressive Era**. New Jersey - Princeton University Press, 2016.

MCCLINTOCK, Anne. **Imperial Leather: Race Gender and Sexuality in the Colonial Context**. New York: Routledge, 1995.

NADKARNI, Asha. Eugenic Feminism: Asian Reproduction in the U.S. National Imaginary. **NOVEL: A Forum on Fiction - Postcolonial Disjunctions**, v. 39, n. 2, 2006.

NEWMAN, Louise Michele. **White Women's Rights: The Racial Origins of Feminism in the United States**. New York - Oxford University Press, 1999.

NICHOLSON, Linda. Feminism in "Waves": Useful metaphor or not? **New Politics**, v. 12, n. 4, 2015.

PEDRO, Joana Maria. Narrativas fundadoras do feminismo: poderes e conflitos. **Revista Brasileira de História**, v. 26, n. 52, 2006.

RENSING, Susan. Women 'Waking Up' and Moving the Mountain: The Feminist Eugenics of Charlotte Perkins Gilman. **MP: Feminist Journal**, v. 4, n. 1, 2013.

ROSS, Edward A. **Social Control: A Survey of the Foundations of Order**. New York - Macmillan, 1901.

RUDINICK, Lois P.; HERU, Alison M. The secret source of 'Female Hysteria': The role that syphilis played in the construction of female sexuality and psichoanalysis in the late nineteenth and early twentieth centuries. **Journal - History of psychiatry**, p. 1-14, 2017.

SEITLER, Dana. Unnatural Selection: Mothers, Eugenic Feminism, and Charlotte Perkins Gilman's Regeneration Narratives. **American Quarterly**, v. 55, n. 1, 2003.

SINSHEIMER, Allen. Woman's Position The True Mark of Civilization. **The Sunday Herald**, Boston, 1916.

TERRELL, Robert. Our debt to Suffagists. New York - **Crisis**, n. 10, v. 4, 1915.

TRAUTSCH, Jasper M. The origins and nature of American nationalism. **National Identities Journal**, 2015.

UNITED, States Congress. House. **Committee On The Judiciary, et al. Hearing of the National American Woman Suffrage Association**, Washington, D.C. Washington: Government Printing Office, 1896. Pdf. Retrieved from the Library of Congress, [www.loc.gov/item/07039903/](http://www.loc.gov/item/07039903/). Acesso em: 18 jan. 2023.

WARD, Robert DeCourcy. **Climate, considered especially in relation to man**. New York, G.P. Putnam's Sons, 1908.

WEINBAUM, Alys Eve. Writing a Feminist Genealogy: Charlotte Perkins Gilman, Ration Nationalism, and the Reproduction of Maternalist Feminism. **Feminist Studies**, v. 27, n.2, 2001.

WIENEN, Mark W. Van. A Rose by Any Other Name: Charlotte Perkins Stetson (Gilman) and the Case for American Reform Socialism. **Journal American Quarterly**, v. 55, n. 4, p. 603-634, 2003.

WIENEN, Mark W. Van. Looking backwards, Working Forward: Fin de Siècle Socialismo according to Charlotte Perkins Gilman. IN: **American Socialist Triptych - The Literary-Political Work of Charlotte Perkins Gilman, Upton Sinclair and W.E.B. Du Bois**. University of Michigan Press, p. 34-78, 2012.

*Recebido em:* 18 out. 2025.

*Aceito em:* 19 nov. 2025.